

Escritas de si em redes: memórias de leitor@s de Erico Verissimo

Roselusia Teresa de Moraes Oliveira¹

Writing about the self in networks: Erico Verissimo's memories of readers

48



Resumo

Escritas de si foram reveladas em publicações veiculadas em *blogs*, *sites*, comunidades e grupos de discussão na *internet*, por sete leitor@s da obra de Erico Verissimo. Essas escritas de textos em suportes eletrônicos evidenciam a constituição de “redes” específicas de interação, comunicação e socialização na *internet*. Leitor@s oriundos de diferentes regiões do Brasil estabeleceram redes com a finalidade de escrever acerca das suas experiências de leituras, reveladas pelas escritas de si, no período de publicação de 2009 a 2014. Os princípios teórico-metodológicos adotados articulam as seguintes áreas de interesse: História da Educação; Literatura; História do Livro e da Leitura; e *Cibercultura*. A análise dos dados nas redes virtuais escolhidas exigiu pensar e apreender os processos de escrita como práticas de arquivamento, de “construção de si” e, também, como práticas de resistência social.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Erico Verissimo. *Internet*. Rede.

Abstract

Writing about the self were revealed in publications published on blogs, websites, communities and discussion groups on the Internet by seven readers of the work of Erico Verissimo. These written on electronic media make clear the formation of specific “networks” of interaction, communication and socialization on the Internet. Readers from different location of Brazil have established networks despite of writing about their experiences of reading, revealed by written about the self, during the publication period from 2009 to 2014. The theoretical-methodological principles applied articulate these areas of knowledge: History of Education, Literature, History of the book and reading, and Cyberculture. The analysis of the data in the social networks chosen required thinking and apprehending the writing processes as archival practices, of “self-construction” and also as practices of social resistance.

Keywords: Reading. Writing. Erico Verissimo. Internet. Network.

1 Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Relicário (Redes de leituras inscritas: cultura letrada, apropriações, representações e operações do ato de ler/DEDI/UFS/CNPq). Graduada em Pedagogia, pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestre e Doutora em Educação, pela Universidade Federal de Pelotas - RS (UFPel - RS), com Doutorado Sanduíche realizado na Université de Cergy-Pontoise, na França, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE- CAPES/ Governo Federal Brasileiro). E-mail: roselusiamorais@gmail.com

Introdução

Escritas de si foram reveladas em publicações veiculadas em *blogs*, *sites*, comunidades e grupos de discussões na *internet*, por sete leitor@s² da obra de Erico Verissimo (EV)³. Essas escritas de textos em suportes eletrônicos, objeto central de análise deste estudo, evidenciam a constituição de “redes” específicas. Leitor@s oriundos de diferentes regiões do Brasil estabeleceram redes de interação, comunicação e socialização para escrever acerca das suas experiências de leituras, reveladas pelas escritas de si, em ambientes selecionados na *internet*, a partir das interações promovidas nesse espaço, no período de publicação de 2009 a 2014.

Eles compõem um grupo heterogêneo de seis pessoas do sexo feminino e uma do sexo masculino, com faixa etária distinta e carreira profissional igualmente diversa. Eles leram obras impressas de Erico Verissimo pelo prazer, pela fruição e pelas emoções que essas leituras provocaram neles. As suas escritas virtuais indicaram que a leitura “não é somente uma operação abstrata de intelectoção”⁴, mas acontece e é revelada também a partir da inscrição do próprio corpo no espaço, dos gestos e da escolha do suporte impresso.

A aventura *pela internet* destaca um mundo permeado por escritas, imagens e sons. Inúmeras redes de comunicação e interação ligadas em rede mundial, por meio de computadores, celulares, *tablets* e entre outros dispositivos são integrados por um conjunto de protocolos de comunicação, em uma trama que possibilita a veiculação de informações e a transmissão e troca de dados. A amplitude dos recursos dispostos e serviços que podem ser utilizados promovem várias ligações ao alcance de uma rede mundial, a *World Wide Web*, e também o suporte necessário capaz de prestar serviços diversos que envolvem desde a comunicação rápida ao compartilhamento de arquivos.

Diante dessa abordagem, este trabalho⁵ tem uma perspectiva interdisciplinar e articulam as seguintes áreas de interesse: História da Educação; Literatura; História do Livro e da Leitura; e Cibercultura. Os princípios



2 O termo adotado “leitor@s” compreende todos/as os/as leitores/as que transitam no espaço da internet.

3 EV: abreviação criada para fazer referência ao nome do escritor Erico Verissimo.

4 CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*: a história entre incertezas e quietudes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002a. p. 70

5 Este trabalho é parte integrante da tese de Doutorado concluída e intitulada: “Modos de ler o impresso, modos de escrever na internet: escritas de leitores e leitoras do escritor Erico Verissimo”, desenvolvida sob a orientação da professora Eliane Peres, do curso de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas-RS, em 2014. Esta pesquisa contou com o financiamento da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e do Programa de Doutorado Sanduiche no Exterior, por meio do Ministério da Educação (PDSE-MEC), realizado na Université de Cergy-Pontoise, na França.

teórico-metodológicos adotados para definição do objeto de pesquisa destacam os estudos acerca da História do Livro e da Leitura, com ênfase, especialmente, em Robert Darnton (1995; 2010)⁶; Roger Chartier (1990; 1991; 1994; 1996a; 1996b; 1999; 2002a; 2002b; 2004; 2009a; 2009b)⁷ e os escritos de Michel de Certeau (1994)⁸ auxiliam a análise dos dados coletados no que se refere às relações entre as “operações” implicadas no ato de ler e os aspectos culturais nela imbricados.

Esse referencial aponta um “circuito de comunicação”⁹ que compreende a história do livro, incluindo assim as seguintes esferas: produção, edição, distribuição, circulação e, por fim, o leitor. O “circuito de comunicação” admite que há variações das condições conforme o lugar e a época, mas de modo geral pode ser descrito em um modelo que considera o percurso desde o autor, o editor, o impressor, o distribuidor, o vendedor até chegar nas mãos do leitor. Neste trabalho, é analisado um aspecto desse “circuito” que é a instância do leitor, considerado como o “estágio” de difícil acesso de estudos¹⁰.

Revelados nos dados de pesquisa coletados, as escritas de si, de leitores e leitoras na *internet*, são indicadores que definem “modos de leitura”. Para a análise desses dados cabe referenciar o conceito de “rede”

- 6 DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette*: Mídia, Cultura e Revolução. São Paulo, Companhia das Letras, 1995;
_____. Robert. *A questão dos livros*: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- 7 CHARTIER, Roger. *A História Cultural*: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990;
_____. Roger. *O mundo como representação*. Estudos Avançados. São Paulo: Instituto Avançado, USP, 5 (11): jan/ abril, 1991.
_____. Roger. *A ordem dos livros*. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UNB, 1994.
_____. Roger. *Do livro à leitura*. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996a.
_____. Roger. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: _____. Roger (org.). *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996b.
_____. Roger. As revoluções da leitura no Ocidente. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras; ALB; FAPESP, 1999.
_____. Roger. *À beira da falésia*: a história entre incertezas e quietudes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002a.
_____. Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002b.
_____. Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004. _____. Roger. *A aventura do livro*: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. MORAES, Reginaldo Carmello Corrêa de. (trad.). São Paulo: Editora UNESP, 2009a. [1ª reimpressão].
_____. Roger. *A história ou a leitura do tempo*. [tradução de Cristina Antunes]. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009b.
- 8 CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. vol. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- 9 DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette*: Mídia, Cultura e Revolução. São Paulo, Companhia das Letras, 1995. p.112.
- 10 Ibid., 1995.

e “cibercultura”, do autor Pierre Lévy (1996; 2007)¹¹ entre outros autores como: Manuel Castells (1999; 2005)¹² e Hugo Assmann (2005)¹³. Além deles, pesquisadores norte-americanos como Jay Bolter (2001)¹⁴ e George Landow (1995; 2006)¹⁵ destacam o universo das tecnologias e novas mídias realçando a superação das noções como hierarquia, sequencialidade e linearidade do texto, a partir das experiências hipertextuais, isso porque essas potencializam novas construções de sentido sobre a leitura em suportes eletrônicos.

As escritas virtuais pesquisadas possibilitaram compreender, portanto, quem são os leitores de Erico Verissimo, como conheceram o escritor, quais são seus personagens e livros favoritos, com que intensidade leem, como leem e o que sentem quando leem. Os dados capturados na *internet* foram delimitados e analisados como memórias desses leitores que evidenciam, a paixão pelo escritor, a materialidade dos livros, o gosto e a preferência pela leitura no impresso, os gestos no momento da leitura, e a relação deles com as obras, entre outros aspectos relacionados às experiências de leituras e os sentidos relacionados às suas vidas.

Escritas de si em redes: “lugares de memória” sobre práticas de leitura

Em rede, escritas, sinais, códigos, símbolos, representações, fotografias são possibilidades de evidenciar histórias, informações, debates e entre outras produções, reescritas, edições e mixagem de textos escritos, imagéticos ou sonoros. Enfim, definida por diferentes materiais e ferramentas, a escrita eletrônica convive, ao mesmo tempo, com outros suportes de leitura, como o manuscrito e o impresso. A cultura escrita, de modo geral, pode ser localizada nos mais diferentes suportes seja nos ma-

- 11 LÉVY, Pierre. *O Que é Virtual?*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. COSTA, Carlos Irineu de. [tradutor.]. São Paulo: Ed. 34, 2007, 6ª reimpressão. (Coleção Trans). LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. COSTA, Carlos Irineu de. [tradutor.]. São Paulo: Ed. 34, 2007, 6ª reimpressão. (Coleção Trans).
- 12 CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999; _____, Manuel. *A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política*. In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo. (orgs.). *A Sociedade em Rede do Conhecimento à Ação Política*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 2005. Disponível em: <http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/Sociedade_em_Rede_CC.pdf> Acesso em: 03 out 2013.
- 13 ASSMANN, Hugo. *A metamorfose do aprender na sociedade do conhecimento*. In: ASSMANN, Hugo (org.). *Redes digitais e metamorfose do aprender*. Editora Vozes, 2005.
- 14 BOLTER, Jay David. *Writing Space: Computers, Hypertext, and the Remediation of Print*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2001.
- 15 LANDOW, George. *Hipertexto: La convergencia de la teoría crítica contemporánea y la tecnología*. Traducción de Patrick Ducher. 1ª ed. Barcelona: Paidós, 1995. *Hipermedia*, 2. _____, *Hypertext 3.0: Critical Theory and New Media in an Era of Globalization*, Johns Hopkins University Press, 2006.



nuscritos, impressos ou digitais, e este fato, revela novos desafios e novas reflexões sobre os modos de produzir escritas e os modos de ler textos.

Os escritos nos meios digitais superam a ideia de que apenas algumas pessoas são capazes de escrever e publicar. Isso porque as práticas nas redes sociais na *internet* revelam cada vez mais um público crescente que acessa páginas, produz e veicula informações por textos sejam de sua autoria ou não. Os requisitos básicos para essas operações são, no mínimo: ler; escrever; e utilizar o recurso para divulgação no espaço desejado, numa página de um determinado *site*, *blog* ou rede social.

Textos são criados, inéditos, copiados, compilados, organizados, sofisticados em um emaranhado de ações por meio de clicks que remetem a uma infinita possibilidade de acessos de páginas espalhadas pelo “mar da *internet*”. A “experiência”, no sentido etimológico da sua palavra, refere-se a significados como: ensaiar algo; verificar as qualidades de algo; pôr à prova, conhecer por experiência; sentir alguma coisa. Essas interpretações atreladas à experiência dos usuários na *internet* indicam que os mesmos ensaiaram escritas virtuais, copiaram e compartilharam informações, verificaram as características que definem o recurso digital, colocaram à prova se esses mesmos recursos são interessantes ou não, conheceram os instrumentos de leitura e escrita digital pela própria vivência em si, e, por fim, produziram inúmeras sensações diante da tela de um computador, *notebook*, *netbook*, *ultrabook*, *tablet*, celular, entre outras possibilidades digitais.

Desse modo, leitor@s publicam na *internet* vários conteúdos desde textos, canções, fotos a vídeos. Criam um conjunto de práticas de comunicação e interação em permanentes mudanças. Neste caso, o tripé da produção, publicação e circulação dos escritos¹⁶ convivem no mesmo espaço virtual.

Fragmentos de informações dispersas e variadas são possíveis de serem consultadas ao longo do dia. *Links* e referências destacam um texto em comunicação com outros textos, auxilia os internautas agregar mais informações sobre o assunto escolhido. Trata-se, portanto, do *hipertexto*¹⁷, disposto a partir de uma dinamicidade que disponibiliza um fluxo intenso e contínuo de conceitos, imagens, juízos, palavras, dados, ideias em um específico modo de escrita. Conforme Landow (1995), hipertexto é um termo cunhado por Theodor Nelson na década de 1970 para se referir ao tipo de texto eletrônico. Traduzido por um recurso tecnológico da área da informática que é reconhecido pelo poder de conectar uma passagem de discurso verbal para imagens, mapas, diagramas e sons, do mesmo modo que consegue se conectar a outros fragmentos verbais. Essa definição

16 CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e quietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002a.

17 LANDOW, George. *Hipertexto: La convergencia de la teoría crítica contemporánea y la tecnología*. Traducción de Patrick Ducher. 1ª ed. Barcelona: Paidós, 1995. Hipermedia, 2.



amplia a noção que temos acerca do que é um texto porque aborda uma escrita que não possui uma sequência, mas um texto com várias “bifurcações” em que o leitor é aquele que define o seu roteiro de apreciações das páginas de leitura e também de escrita “multilinear” ou “multisequencial”. Neste sentido, há uma espécie de jogo com novas regras e experiências que superam os limites de unidade de um texto.

Esta composição demarca a constituição dos limites da esfera do público e privado cada vez mais tênues. Um conjunto de aparelhos possibilita um conjunto de técnicas de produção, de criação, de editoração aparentemente, ao alcance de todos. São textos com formatos próprios que dialogam com outros textos e assim, viabiliza uma estrutura de criação em grupo, ou provocando a coletividade entre os indivíduos que interveem para alguém tornar-se coautor de um texto.

A disponibilidade de informações dispersas e variadas provoca no usuário a capacidade de comparar, escolher, editar e divulgar o que o mesmo prioriza como importante para compartilhamento. Isso significa que concentra-se no usuário a viabilidade de revisar, ilustrar e editar no sentido exato das funções. Fato surpreendente tendo em vista as gerações anteriores demarcadas por profissionais específicos para cada uma dessas ações. É claro que não se trata de um livro, mas sim uma edição online que revela textos digitais cercados por *links*, referências ou hipertextos em um movimento ativo complementar. Os usos das diferentes linguagens combinam imagens, sons e palavras, geram práticas de leitura fragmentada e distante da perspectiva linear que nos deparamos no suporte de um livro. Assim, o internauta recolhe vários textos fragmentados e compõe para si uma espécie de mosaico de imagens, palavras, frases, sons, sensações e entre outros que traduzem informações. Neste caso, refere-se à dispersão de informações por intermédio da comunicação verbal e não verbal.

A interação leitor e texto configuram processos de significados construídos a partir dos próprios textos e dos assuntos ligados ao conteúdo e a hipertextualidade presente. O lugar da leitura seja no papel ou no virtual é mediada por uma série de recursos que estimulam os sentidos para refletir, opinar e atuar nesses espaços. Esse “circuito” admite que existam variações das condições conforme o lugar e a época, mas de modo geral pode ser descrito em um modelo que considera o percurso desde o autor, o editor, o impressor, o distribuidor, o vendedor até chegar às mãos do leitor.

A literatura pode ser analisada como possibilidades educativas a partir das leituras recomendadas na esfera escolar, mas segundo Mathieu Bégin (2011)¹⁸, da Université de Sherbrooke, raro é localizar pesquisas que se



18 BÉGIN, Mathieu. Le forum de discussion sur Internet comme lieu d'étude de la réception des productions littéraires jeunesse : le cas de la série Pavel 1. In: *Communication, lettres et sciences du langage*. Vol. 5, n 1. Ago 2011.

dediquem à literatura, especialmente para jovens, como uma prática de divertimento, de socialização e de enriquecimento pessoal. Este trabalho identifica justamente tais dimensões raras em termos de pesquisa. Para Bégin (2011), é surpreendente analisar pelo viés da história das práticas de leitura como esse território foi e é explorado pelos leitores.

Ao constatar processos de invenção e criação nas “redes”¹⁹ escolhidas, via *internet*, é possível considerar, segundo Pierre Lévy²⁰, que entre os “atores humanos” as “técnicas” são inventadas, produzidas, utilizadas e interpretadas de diferentes formas. Jorge Landow (1995; 2006) defende que há uma tendência em convergir o *hipertexto* e essas teorias, assim como teóricos que compartilham de ideias que poderiam ser postas como modelos conceituais convergentes ao contrapor princípios como linearidade e hierarquia e defender ideias vinculadas às “redes”, “links” ou “ligações”, “nós”, multilinearidade. Nessa perspectiva, os limites entre a relação autor e leitor são tênues, ou seja, permeada por proximidades, e ao mesmo tempo, é possível pensar na relação existente entre a produção de sentido influenciada pelo suporte impresso ao se deparar com a hipertextualidade.

Para o desenvolvimento deste estudo, a abordagem adotada compreende a noção de “modos de ler”, baseado nos estudos do historiador francês Roger Chartier²¹. Esses conceitos afirmam que o processo de ler envolve diversos elementos que antecedem a prática efetiva do ato de ler. Remete a constituição da materialidade dos objetos da leitura, os materiais específicos, o “uso do corpo”, a “inscrição em um espaço”, a “relação consigo e com o outro”²². As “práticas de leitura” não são apenas uma “operação abstrata de inteligência”, mas compreendem as práticas culturais e suas respectivas reorganizações no meio social, p.70)²³. Isso porque o ato de ler trata das “significações plurais” e “móveis” localizadas em uma espécie de consonância com os hábitos culturais de um determinado tempo, ou seja, os modos de ler referem-se às práticas inscritas em uma rede social e cultural específica. Considerar essa perspectiva, segundo Roger Chartier²⁴, significa pesquisar as modalidades de ler, sejam elas co-

19 LANDOW, George. *Hipertexto* : La convergencia de la teoría crítica contemporánea y la tecnología. Traducción de Patrick Ducher. 1ª ed. Barcelona : Paidós, 1995. Hipermedia, 2. _____. *Hypertext 3.0: Critical Theory and New Media in an Era of Globalization*, Johns Hopkins University Press, 2006.

20 LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. COSTA, Carlos Irineu de. [tradutor.]. São Paulo: Ed. 34, 2007, 6ª reimpressão. (Coleção Trans).

21 CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e quietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002a. p. 70.

22 Idem.

23 Ibid., 2002a, p. 70.

24 CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.



letivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, popular ou letrada, íntimas ou públicas, intensiva ou extensiva, oral ou silenciosa.

A produção de sentido a partir das leituras significa como os leitores compreendem a si próprio e o mundo, por meio da relação estabelecida com o “mundo do texto”²⁵. Portanto, a leitura é entendida como um “ato concreto” que requer leitores dotados de “competências específicas” e caracterizados pela sua prática de ler que constrói sentido, ou seja, a interpretação²⁶. Essa produção de sentido ganha forma e visibilidades nas escritas de si publicadas nas redes.

Isso também pressupõe perceber os modos de ler e o processo pelo qual os leitores dão sentidos aos textos dos quais se apropriam. Essa perspectiva é discutida por Chartier²⁷ como a possibilidade de pensar a “produção da significação”, o que implica uma relação dialógica entre as propostas das obras e as categorias estéticas e interpretativas de seus públicos leitores; como também uma interação dinâmica entre texto e leitor; e um resultado de uma negociação entre as obras e os discursos ou as práticas ordinárias.

Por meio dessa abordagem e aliado aos estudos de Robert Darnton²⁸ é possível considerar a complexidade e as dificuldades em definir e identificar como os leitor@s assimilam as suas leituras e quais são os efeitos produzidos pelos textos lidos. Para historiadores da leitura, esse campo foi por muito tempo reconhecido como complexo e de difícil acesso, mas diferentemente, dos séculos anteriores ao início do século XXI, em tempos atuais é possível constatar “rastros”, “pistas” e “vestígios” da instância das práticas de leituras que os próprios leitor@s deixam revelar por meio das suas publicações na *internet*. Essa afirmação pode ser considerada como um fenômeno até então de difícil apreensão na História da Leitura, já que os estudos anteriores de Chartier²⁹ e Darnton³⁰ demonstram as dificuldades de fontes que permitam acesso à esfera dos leitores e suas práticas de ler.

A noção de leitura e de competência para ler é compreendida também a partir dos estudos de Jouve Vincent (2008)³¹. O autor considera a leitu-

25 Ibid., 1990, p. 24.

26 Ibid., 1990, p. 25.

27 CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e quietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002a.

28 DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

29 CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

30 DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

31 VINCENT, Jouve. *La Lecture*. Paris: Hachette. Collection Contours Littéraires, 2008.

ra como uma atividade multifacetada que envolve processos neurofisiológicos, cognitivos, afetivos, argumentativos e simbólicos. Considerando esses aspectos, a leitura supõe determinadas competências que incluem as esferas individual e cultural. Isso acontece quando o leitor converte palavras em *elementos de significação*, o que promove ações de abstração. Assim, ele dedica a sua atenção para a sequência de eventos descritos no livro que lê ou não o acompanha de maneira linear, o que depende da relação do leitor com o enredo do gênero literário específico. Por isso, a depender do tipo de texto são produzidos determinados tipos de leitura que podem provocar o riso, o fascínio, a indignação, a tristeza, e etc, de tal modo que suscitam os sentidos de múltiplas formas.

Portanto, tomando-se como base esses estudos, este trabalho evidencia, a partir dos dados analisados, a interação entre duas dimensões que envolve os leitor@s e suas relações com a leitura das obras de EV: (1) a dimensão intelectual-subjetiva da leitura, analisadas a partir das respectivas críticas e interpretações da obra que os LEV fazem sobre o texto lido, ou seja, dos relatos de como percebem a obra; (2) e a dimensão social, revelada na interação entre os pares nos ambientes virtuais em uma perspectiva de escrita baseada na cooperação e colaboração entre eles. Os aspectos relacionados às convenções, normas e aos valores atribuídos às leituras de obras do escritor gaúcho são elementos reveladores dos modos de ler, da interação leitor e texto, dos limites e regras para as ações de leitura. Esta discussão potencializa o debate acerca da leitura no Brasil com a inserção das práticas digitais³².

Compreende-se os *espaços de escrita* na internet como lugares de memória, conforme Nora (1984), que são uma construção de caráter histórico, têm seu valor como “documentos” e também como “monumentos”, portanto, revelam ações sociais, tensões, conflitos, paixões e interesses que, conscientemente ou inconscientemente, são revestidos de imagens representadas nos movimentos próprios das escritas virtuais nas redes sociais. As páginas na internet selecionadas nesta investigação são concebidas como “lugares de memória”³³ que tornam visíveis o que poderia ser definido como fragmentos das experiências de leituras, dos sentidos conferidos ao ato de ler (especificamente EV) e, portanto, marcas de um processo histórico, de significados pessoais e construídos coletivamente, assim como de códigos específicos relativos às práticas inscritas na in-

32 MORAIS, Roselusia Teresa Pereira de. *Modos de ler o impresso: múltiplas escritas de leitores de Erico Verissimo capturadas na internet*. Tese de Doutorado. 2014. 221 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

33 NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. In: Pierre Nora (org). *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984. Vol 1 La République.



ternet, que são monumentos e documentos³⁴, conforme discussão apresentada anteriormente. Desse modo, como um *lugar de memória*, como *monumentos* e também como *documentos*, permitem leituras, interpretações e análises.

Le Goff (2003) aborda, na obra “História e Memória”, dois tipos de materiais da memória, que podem se apresentar das seguintes formas: os “documentos”, selecionados pelos historiadores, logo, produto das escolhas desse profissional, e os “monumentos”, um legado, uma herança do passado. Esses conceitos, ou materiais da memória, por sua vez, são discutidos de modo complementar. Inicialmente, o autor define os materiais da memória coletiva como monumentos e os da história como sendo documentos, a fim de apresentar críticas à operação do historiador diante do seu corpus de pesquisa que analisa as informações do passado. O autor argumenta que as memórias que remontam ao passado, ou seja, o que resistiu ao tempo, não se trata de uma série de tudo o que efetivamente existiu, mas representa uma escolha feita pelas “forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade” (LE GOFF, 2003, p.525- 526) e pelos profissionais que se dedicam à ciência do passado e do tempo, ou seja, os historiadores.

A coletividade e os *lugares de memórias* revelam seus produtores, as identidades construídas e ainda um projeto em comum. Giovanni Levi (1996) interrogou as “perspectivas dinâmicas das condutas individuais e coletivas” e destacou que a cada época há um “estilo próprio”, “um *habitus*”, que é resultado das experiências comuns e repetidas³⁵. De todo modo, também há um estilo que é peculiar de cada grupo. Para o autor, cada indivíduo detém uma “margem de liberdade” e de “coação” que estabelecem e funcionam “as formas de solidariedade”³⁶, por isso, as suas diferentes ações devem ser consideradas e pertinentes. O grupo social “solidário” gera em cada um dos seus integrantes “conflitos de classificações, de distinções, de representações”³⁷.

Ao buscar compreender os modos de ler a partir da “configuração” de um grupo de LEV na *internet*, foram identificadas as posições ocupadas por eles na construção de seus escritos e experiências singulares, constituídas por uma determinada rede de “interdependências” e “reciprocidades” de um grupo “solidário”. A comunidade de leitores pesquisados revelou um repertório de atitudes, usos de instrumentos de leitura e escrita e mobilização práticas nas redes. No mundo virtual, os LEV demonstraram que



34 LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5ª ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

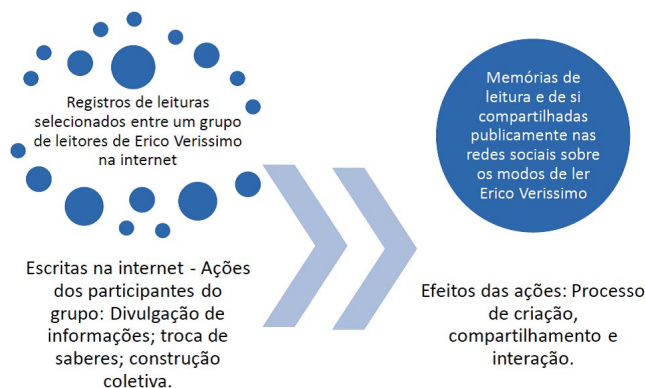
35 LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 168

36 Ibid., 1996, p. 182.

37 Ibid., 1996, p. 182.

podem ocupar simultaneamente diferentes posições ora como “navegador” na *internet*, ora como leitor, ora como participante de um grupo, ora como autor dos seus próprios textos, ora como divulgador de informações em um processo criacional e interativo. Essas posições modificam-se ao longo do tempo, alteram-se, são redefinidas, traçam percursos inesperados. Esta discussão pode ser sintetizada no fluxograma explicitado a seguir:

Imagem 1 - Escritas na internet: memórias compartilhadas



(MORAIS, 2014, p.78)³⁸

O fluxograma apresentado revela leitores que escreveram sobre si ao divulgarem suas memórias de leitura na internet. Em razão disso, eles ampliaram o campo de visibilidade e a participação na vida social, escreveram sobre os vestígios do cotidiano e superaram fronteiras territoriais quando mantiveram uma interação com leitores de diferentes estados do Brasil. Todos esses aspectos apontam diferentes facetas de movimentos complexos e pertencentes a uma “lógica” difícil de apreender.

Os relatos pessoais, a transcrição de trechos das obras lidas, a reprodução de imagens do escritor, a exibição de vídeos de adaptações da sua obra, a divulgação de eventos relacionados à Erico Verissimo, a proposta de projetos em comum, a construção de um jornal, para ser divulgado *online* e impresso, e um evento com os leitores em Cruz Alta, cidade do escritor, são alguns dos exemplos captados nesta análise. Por fim, os leitores deixam vestígios sobre as suas práticas de leituras ao compartilharem, na internet, modos de ler e sentidos da leitura da obra de um escritor específico. Esta abordagem da pesquisa pode ser considerada inusitada e inovadora, uma vez que os estudos desenvolvidos

38 MORAIS, Roselusia Teresa Pereira de. *Modos de ler o impresso: múltiplas escritas de leitores de Erico Verissimo capturadas na internet*. Tese de Doutorado. 2014. 221 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

especialmente por Chartier³⁹ e Darnton⁴⁰ reconhecem as dificuldades de encontrar fontes para acessar e compreender a produção de sentidos de comunidades de leitores.

As escritas compartilhadas podem ser compreendidas a partir de Philippe Artières⁴¹ quando afirma que a inscrição em vários suportes dos diferentes elementos que compõem “a vida de todo o dia” remete ao processo de arquivamento, o que implica uma seleção, uma triagem do que é guardado, isso porque há uma intencionalidade na ordem das classificações. A prática de arquivar se modifica constantemente conforme os critérios adotados. Uma das suas perguntas centrais nessa perspectiva é por que arquivamos? O referido autor defende que é para responder a uma injunção, obrigação ou determinação social. Portanto, faz parte do processo de produção de lembranças e neste estudo, foram compartilhados em meios digitais como um arquivamento.

Nesta direção, “arquivar a própria vida”⁴² é como colocar-se diante de um espelho, é ainda responder à imagem social, à imagem íntima de si e, justamente por isso, o arquivamento do eu é considerado uma prática de construção de si mesmo e de resistência ao mesmo tempo. Há três aspectos ligados à prática de arquivos do eu que são: a injunção social e, consequentemente, a sua função e o seu valor social; a prática em si de arquivamento e as maneiras de arquivar; a intenção autobiográfica expressa nas sinuosidades próprias do íntimo do ser⁴³. O primeiro aspecto especifica um dever, uma obrigação social que retoma a experiência advinda, desde o fim do século XVIII, nas nossas sociedades ocidentais, em que foi construído, pouco a pouco, um lugar de privilégio para as práticas que envolviam a escrita no cotidiano. A escrita ocupou e ocupa cada vez mais um lugar de destaque, na medida em que abarca as inscrições da existência humana em sua inserção social, seja nos registros civis, nos prontuários médicos, nas listas escolares, nos sistemas bancários, nos contratos de trabalho, entre outros.

“O espaço é um lugar praticado”⁴⁴, do mesmo modo que a rua é geometricamente demarcada por um urbanismo, transformada em espaço para um transeunte caminhar em uma via, dessa mesma forma, a leitura é



39 CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e quietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002a.

40 DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

41 ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: *Escrita de si/ Escrita da História*. Revista Estudos Históricos. v.21. 1998. p. 9-33

42 Ibid., 1998, p. 11.

43 Ibid., 1998, p. 11.

44 CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer*. 14 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 202

o espaço originado pelo uso no lugar formado por um sistema de signos, nesse caso, os escritos. Nesse contorno, o espaço remete às operações desenvolvidas pelos sujeitos históricos que criam, recriam e inventam suas ações. A prática escriturária adotou um “valor mítico” nos últimos quatro séculos. Nesta direção, Certeau compreende o mito como um discurso fragmentado que profere sobre as práticas heterogêneas de uma sociedade que se articula simbolicamente. No ocidente moderno, a prática de escrever tomou um lugar central, por isso, relaciona-se o “progresso” de tipo “escriturístico”.⁴⁵

Certeau⁴⁶ define o ato de escrever por uma atividade visível que incide sobre um espaço próprio, ou seja, a página e por sua vez, constitui um texto que revela “poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado”⁴⁷. São destacados três elementos determinantes que são: (1) a página em branco, ou seja, o próprio espaço que demarca o lugar de produção para o sujeito. Nesta pesquisa, são as escritas nas páginas virtuais; (2) a construção de um texto, quer dizer, os “materiais linguísticos” utilizados no espaço de escritura a partir de um conjunto de operações articuladas de maneira gestual e mental; (3) “o jogo escriturístico” que gera a produção de um sistema, de um espaço formal que está em contato com a exterioridade, remete à realidade e por isso, “cria dentro de si os instrumentos de uma apropriação do espaço exterior”⁴⁸.

Desse modo, pensar nas redes virtuais escolhidas, para a coleta e análise dos dados neste estudo, significou pensar e apreender os processos de escrita como práticas de arquivamento, de “construção de si” e também como prática de resistência. Esta compreensão revela que há construção de uma identidade que é reconhecida publicamente em contato com a realidade externa e, portanto, transita entre o que é individual e o que é social, entre o particular e o público. As escritas dos leitores sobre as leituras realizadas das obras de EV cruzam-se com aspectos da “escrita de si” e a formação de redes desses mesmos leitores na *internet*.

Considerações finais

Os leitores e as leitoras de Erico Verissimo analisados publicaram em *blogs*, criaram *sites*, participaram de comunidades e grupos de discussões que compartilharam suas experiências de leitura das obras do seu escritor. Uma das constatações do estudo, revela que em tempos de *internet*, esses leitor@s publicaram sobre as suas leituras, falaram sobre si

45 Ibid., 2008, p. 224.

46 Ibid., 2008.

47 Ibid., 2008, p. 225.

48 Ibid., 2008, p. 226.

e suas experiências de leituras em *sites*, grupos de discussão, comunidades e *blogs*. Esses escritores-atores-atuantes indicaram práticas sociais e culturais, demonstraram modos e espaços de discussão acerca da obra, interagiram entre si e mantiveram uma conectividade com outras redes sociais. Uma das constatações da investigação, portanto, é a de que essas produções indicaram memórias de si, modos de ler e apropriações de leituras. Além disso, evidenciaram que eles são escritores dos seus próprios textos, na *internet*.

Essas questões estão interligadas entre a divulgação da Literatura do escritor EV e, conseqüentemente, os espaços de difusão da obra a partir de alguns *sites*. A conceituação teórica dada põe em evidência a relação intrínseca entre a “difusão” e a criação de “redes” na “cibercultura”, conforme Pierre Lévy⁴⁹. A problematização demonstra leitores e leitoras conectados em espaços específicos na *internet*, em uma interação própria das “redes” sociais que produzem escritores dos seus próprios textos, em alguns momentos, e em outros momentos, são divulgadores de informações. Isso porque os dados indicam que foram estabelecidas trocas de informações por meio das escritas e saberes compartilhados, via a conectividade mencionada.

Neste sentido, eles se caracterizam por leitores do livro impresso e leitores-escritores, ao produzirem práticas memorialísticas na cibercultura e apontarem modos de ler o impresso e os modos de escrever na *internet*. É inegável constatar que as inovações tecnológicas promovem atualizações sobre a realidade e “invadem” os espaços de relações sociais modificando os seus hábitos, mas são as apropriações, os usos, os costumes, as tradições, as necessidades, as práticas, os significados atribuídos socialmente que definem o modo como a tecnologia é empregada, e, neste trabalho, é demonstrado em um grupo de leitor@s de Erico Verissimo que escreve na *internet*, e revela modos de ler e escritas de si.

49 LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. COSTA, Carlos Irineu de. [tradutor.]. São Paulo: Ed. 34, 2007, 6ª reimpressão. (Coleção Trans).